

## PÓS TROPICÁLIA, UM MANIFESTO [QUE NÃO MANIFESTA]

“POST-TROPICÁLIA”, A MANIFEST [THAT DOESN'T MANIFESTS]

*Grazielle da Silveira Pereira<sup>1</sup>*

*Nina Alves de Alencar Zur<sup>2</sup>*

se formos pensar ou, melhor, repensar a tropicália, temos que começar pela palavra transa. não a transa do dicionário da nossa geração pós-90. mas a transa: a grande transa de 68, que não consistia apenas na troca, na transação e na transposição das genitálias. mas na grande transa do mundo e das coisas.

embora a sexualidade fosse uma questão também de ordem, a grande antropofagia relacionava-se não somente na vontade de comer o outro em suas dimensões sexuais (sexuais no sentido estrito da palavra). porém, no sentido sexual, da grande vida, da grande potência, do grande tesão. com encaixes, desencaixes, encontros e desencontros.

caetano está aê para dizer que ele também é um grande tesão que nos anima e nos potencializa quando diz que é proibido proibir. quando diz que, apesar da mãe da virgem dizer não, é preciso quebrar as prateleiras e enfrentar a cafonice do mundo, a cafonice da nossa própria juventude. aliás, nos lembra: é preciso estar atento e forte. é preciso ver, abrir as janelas da alma, profundezas nas superfícies do nosso jeito fora de ordem.

para além do sentido comercial da palavra transa, nós, as pós-tropicalistas, alquimistas ou denominação inexistente, pensamos então como redimensionar uma juventude, uma sociedade transante em que o verbo se faz potência e vida. aspas. o maxi ambição de brasil futuro e diferente, de mundo diferente.<sup>3</sup> um brasil preservado em pleno corpo físico, gás, sólido e líquido com as avançadas tecnologias. não reconhecido e na sua feminilidade de pau duro, um serafim de arraial do cabo onde o ódio se faz amoroso.

nisso tudo, há um pouco de oswald, a diferença entre a pele vestida e não vestida – vestida de ideias passadas, correntes. aspas. manifesto antropofágico: o que atropelava a verdade era a

---

<sup>1</sup>Grazielle é mestra em Teoria e Filosofia do Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGD-UERJ) e graduada em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Email: [grazis.pereira@gmail.com](mailto:grazis.pereira@gmail.com)

<sup>2</sup>Nina é poeta, graduada em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e membro do grupo de pesquisa em Teoria Crítica do Direito, na linha de pesquisa Direito, violência e Vida Nua ([dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/4508767392505760112299](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/4508767392505760112299)). Email: [ninaazur@gmail.com](mailto:ninaazur@gmail.com)

<sup>3</sup> frase de caetano em <<https://www.youtube.com/watch?v=JB45FCApJ9A>>

roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. a reação contra o homem vestido. o cinema americano informará. assim, estar vestido ou não estar vestido, o que remete a uma pergunta também transante: é passado o tempo da música? ouvimos o som da nossa barriga, logo, nos emocionamos.

nos emocionamos e comemos a comida. comemos nosso próprio corpo. comemos a fruta. comemos o fruto do nosso ventre, que inflama. fruta morena na nossa presença mestiça. comemos um poema pernambucano. comemos um samba exaltação. comemos a língua de camões, sendo e estando. comemos lobão sem razão. comemos vitor belfort. comemos, de manhã, o galo da madrugada. comemos o prefeito da bahia e a astronomia. comemos jokerman sem prêmio nobel sob gemidos circuladô. zeramos a reza na desigualdade dos nossos corpos. estrangeiros sem pais, filhos, ou espíritos santos. comemos os tupinambás em rituais de virtude. aspás. e dançamos com uma graça cujo segredo nem eu mesmo sei entre a delícia e a desgraça, entre o monstruoso e o sublime.

dançamos, ingovernáveis, e exaltamos as caravanas, a saúde dos corpos que desconcertam a moral, os corpos pretos no mar turquesa do rio (ou doido sou eu que escuto vozes), a saúde do que pulsa, e berramos pelo aterro os acordes dissonantes, berramos em busca das mentes discordantes, queremos saber. cadê a saúde, a saúde que há na liberdade, a saúde que há em ser livre.

não é preciso dançar conforme a música, dancemos apenas, sejamos a dança. eis a saúde, ser dança, ser bezerro, qualquer coisa, animais transfigurados em ebulição com a natureza. queremos mais que arrancar as roupas, caminhar sem lenço e sem documento. o gozo não basta: é tempo de viver o desejo. tarado ni você, ni mim, no carnaval, ni tudo,

sejamos seres desejosos, vivamos o eterno assombro, a eterna transa do mundo e dos sóis, das luas. não nos interessa o marasmo em que estamos chafurdados, a calma abocanhada pelos mesmos de sempre, das violências de sempre, da falta de criatividade e das vidas esmagadas pelo relógio. é do desejo que se destitui um país. é do desejo que se faz um país.

um país que não chega, da natureza do desejo a sua impossibilidade. mas um país anunciado, uma construção permanente que nos faz caminhar e caminha através de nossos próprios gestos descompassados. sejamos despretensiosos, já nos cercam os excessos, exceções, teorias, fórmulas e soluções, já nos cercam os poderes. sejamos a potência em resposta ao poder, o estudante em resposta ao intelectual deitado sobre suas certezas.

o estudante que nunca termina o estudo, o estudo que como o desejo não se realiza, o estudante ou um grande dançarino, ele é a dança, é o estudo, é pura potência. sejamos irrealizáveis. lutemos por um país incompleto.

se praias, paixões fevereiras não dizem o que junhos de fumaça e frio, sejamos o junho de carnavais e festejos de são joão, o junho de fevereiro e novembro, o junho de 2013, o junho de 2082. o grande junho desejoso se anuncia, repleto de possibilidades e impossibilidades. e quando pudermos abrir os olhos, abramos os braços. abertos aos tempos, aos espaços.

o dicionário diz: tropicalista é o médico especialista em doenças tropicais. nós, pós tropicais, afirmamos as nossas doenças como a forma mais inteligente de saúde, afirmamos o fracasso pós moderno e criamos sobre ele, somos precárias, desajustadas em busca de algo que não tem nome, o inominável sem dicionários. tropicalistas, pseudo-tropicalistas, pós-tropicalistas, anti-tropicalistas, extra-tropicalistas, somos tudo isso e nada disso. escancaramos a nossa fluidez, deixamo-la aberta para que escape da prisão, para que seja a saúde contaminada que invocamos. recusamos a cura. é preciso abrir os caminhos, forçar caminhos, não necessariamente para caminhar, mas para ser amar brincar correr cansar dormir em paz, para nada fazer. somos seres subjetivos em pleno voo, saltamos no vazio, não aceitamos mais a objetividade que nos achata. que toda e qualquer sombrinha dos coqueiros e buritis dos trópicos nos refresque. apaches, punks, existencialistas, hippies, beatniks de todos os tempos, sejamos nômades de nós mesmos. seja marginal, seja herói.

abra-se cadabra-se a prisão, o temor, toda forma de sujeição. gente é pra brilhar, gente negra, gente índia, gente quer viver. outras palavras, recusamos intervenções que não sejam respiros, poemas, expressões da loucura. brindemos a loucura, o vício, o crime. não nos digam mais o que fazer, queremos fundar cidades, hastear bandeiras sem causa, andar por aí sem que nossos corpos sejam atravessados por uma farda. neça desse sono de nunca jamais nem never more. queremos a transa dentro de nós, luz forte demais, que põe tudo a prova: fogo paz. show de benjor. queremos o caetano na transa sob as estrelas, sete mil vezes em progressão infinita. para além de 58, potentes joãos e gilbertos. queremos a transa alexandrina: o baile livre com nossos corpos despidos de camélias do vigário geral ao leblon. queremos ser profanos, amar bethaniamente em hebron ou tel aviv nos mares, estios, rio, bahia alegre ou triste, belíssimo horizonte, com os caretas de paris e new york. queremos a verdade tropical mais mentirosa. queremos a bossa mais nova. queremos a foda mais foda. a alegria alegria.